

Territorialidades resistentes, autenticidades e ocupação urbana marginal

Resistant territorialities, authenticities and marginal urban occupation

Sandro de Oliveira Safadi, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás –
IFG, sandro.safadi@ifg.edu.br

Recebido: 28/02/2018 Acetado: 25/06/2018

Resumo

Em um mundo cada vez mais imbricado e em processo de aceleração dos contatos e massificação da informação caberia indagar sobre resistência? O presente trabalho se vincula à uma investigação sobre os elementos constitutivos das autenticidades oriundas de lugares que se mostram mais densos e, portanto, mais lentos do que os fluxos globais hegemônicos. A intenção é averiguar os acontecimentos que deflagram o surgimento de resistências capazes de estabelecerem movimentos que se territorializam e que paulatinamente vão ocupando o espaço urbano de maneira marginal.

Palavras-chave: Território, resistência e ocupação urbana

Abstract

In a world more and more overlapping and in the process of accelerating the contacts and massification of information, should we ask about resistance? The present work is linked to an investigation on the constituent elements of autenticities originating from places that are more dense and, therefore, slower than hegemonic global flows. The intention is to investigate the events that trigger the emergence of resistances capable of establishing movements that are territorialized and that gradually occupy the urban space in a marginal way.

Key-words: Territory, resistance and urban occupation

Introdução

A hegemonia se estabelece à força, a ação que visa impor ao outro seu modo operatório próprio, necessariamente afirma suas regras em meio à plêiade de possibilidades, neste cenário resistir é um ato de bravura. A resistência fundadiferenças em meio ao movimento hegemônicoe dispara um acontecer atípico e autêntico. Em se tratando do mundo urbano, resistir é encontrar alternativas para se marcar distancias específicas e ocupar trechos da cidade que estão prioritariamente recomendados à padronização, via oficialidade.

É sobre este processo de resistência que o presente trabalho se debruça, em investigações que objetivaram aspectos específicos em duas cidades, Aparecida de Goiânia e Anápolis (Figura1) situadas no centro-oeste brasileiro, mais precisamente no estado de Goiás, vislumbrou-se, pela via do território, alternativas para a interpretação da relação entre a hegemonia global e as permanências locais¹.

Num breve passeio semântico pela palavra “local” é possível se deparar com um sentido majoritário que faz referência à uma certa particularidade que é evidenciada num determinado lugar². A expressão “local” se aproxima assim de noções correlacionadas à especificidade ou mesmo à diferença no conjunto das generalizações. Se os lugares possuem características particulares que se traduzem como locais, portanto inconfundíveis com o geral, pode-se inferir também que um mesmo lugar possa perder particularidade e passar a não se distinguir dos elementos globais.

O lugar por não ser um aparecimento congelado no tempo se transforma cotidianamente, o lugar nesta acepção não se resume à ideia de “locus” no sentido geométrico estrito, opera-se assim um esgarçamento conceitual. Os lugares em agitação apresentam-se transpassados por movimentos sutis, frutos de esperanças compartilhadas por sujeitos que ali habitam que em conjunto formam coletivos em constante construção. Nesta medida, a expressão “lugar” não se circunscreve à ideia física de delimitação e localização que estaria à espera de particularização. Em cada esquina, nas praças, nas calçadas, nas ruas formam-se extensões e passagens entre os lugares, evidenciando outro nível de configuração.

¹Na referida pesquisa houve uma identificação de mais de 200 lugares na cidade de Aparecida de Goiânia e mais de 250 lugares na cidade de Anápolis, em cada cidade a pesquisa assumiu uma determinada característica, enquanto em Aparecida de Goiânia o foco se deu em locais que dinamizam a cultura, como espaços para teatro, exposição de artes, locais de apresentação musical e outros; em Anápolis expandiu-se para outras dimensões das práticas sociais, dividindo-se em sete tipologias: ação social, circulação de mercadorias e serviços, convivência e lazer, ensino aprendizagem e formação humana, organização política e religiosa, patrimônio e memória, promoção cultural e artística.

² Em rápida pesquisa por dicionários de línguas com raízes latinas como o português, o espanhol e o francês é possível verificar que os primeiros sentidos atribuídos à expressão “local” fazem esta referência a particularidade de um lugar.

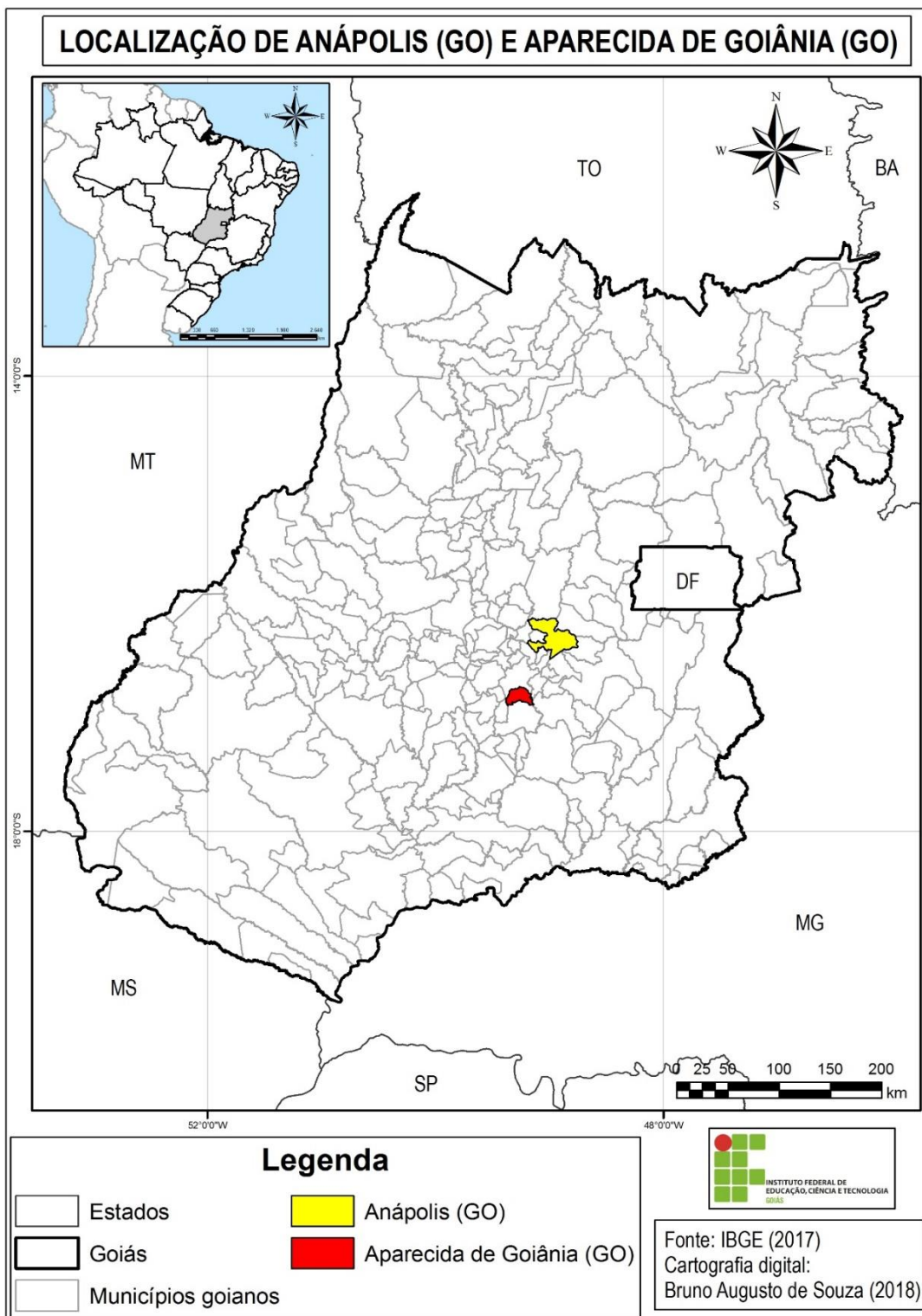


Figura 1: Localização dos municípios de Aparecida de Goiânia e Anápolis no estado de Goiás, Brasil.

Cada lugar da cidade, por se transformar no passar dos dias, não se restringe aos limites anteriores. As materialidades, as significações e os fluxos diários denotam constantes reconfigurações que ganham novas acomodações, refundando particularidades. Pode-se dizer que estes movimentos conformam outras estratégias de poder, desvinculadas ou pouco vinculadas às regras impostas pelos atores hegemônicos globais. Na cultura, na economia, nas artes, na educação, enfim, na sociedade em suas mais diversas dimensões,

os gotejamentos globais que tocam as cidades se veem em conflito com a energia dissipadora do cotidiano. O poder externo em sua tentativa de consolidar novos territórios em meio ao fluxo dos lugares é confrontado por outras territorialidades que em sentido contrário fraturam o curso oferecido pelo ente estrangeiro.

Tais territorialidades, por promoverem resistência ao modelo hegemônico de ocupação urbana criam fluxos não convencionais que inibem a captura dos lugares. Estes fluxos que primeiramente se concentram no convívio reservado, posteriormente excedem à intimidade dos lares e dos ambientes privados e se aglutinam na cidade de maneira marginal, ocupam a margem e enfrentam a oficialidade.

O trabalho está organizado a partir de uma lógica que pode ser traduzida como sendo do conceito à vida. Primeiramente buscou-se uma compreensão dos limites conceituais possíveis para se tratar da ideia de lugar. Posteriormente o lugar assume centralidade para além da paisagem, passando pelas evidências das resistências ao movimento hegemônico global e culminando com a luta pela ocupação marginal.

Delimitação, localização e a separação.

Nas sociedades modernas a definição de uma área de atuação de um determinado fenômeno ou de determinada esfera de poder traz intrinsecamente a ideia de separação, delimitar é em grande medida separar, delimitar e separar se faz a partir de uma intenção. Delimita-se um local específico para que veículos e pedestres possam se deslocar, a rua e a calçada são partes preferenciais para cada forma de se locomover, neste caso a intenção é o ordenamento do trânsito. Delimita-se com cordões nas ruas de Salvador capital do estado da Bahia, quem tem o direito de seguir com segurança a festa do carnaval, neste caso a intenção é econômica e social, do lado de fora do cordão seguem os foliões mais pobres³. Delimitar é em síntese uma forma de separação que visa uma organização intencional, sejam indivíduos, coisas, corporações ou entes públicos.

Ao lado da vontade de delimitação, nas sociedades modernas simultaneamente tem-se o intuito de localização, localizar é revelar o ponto onde ocorre ou aparece um determinado fenômeno. As atuais ferramentas de localização cometem erros cada vez mais ínfimos, pode-se dizer que localizar em termos atuais é precisar o ponto. Chama-se um motorista através de um aplicativo de comunicação móvel e em alguns minutos, seguindo a localização compartilhada, chega-se ao destino com uma margem de erro muito reduzida.

³Em Salvador, capitais do estado da Bahia existem grandes carros, chamados "Trios Elétricos", que levam bandas de música e percorrem as ruas da cidade com milhares de pessoas caminhando e dançando suas músicas. Recentemente estes "Trios Elétricos" passaram a cobrar uma taxa para quem quiser ficar exatamente atrás, em situação privilegiada e com segurança. A separação se dá por cordões que pela prática de valores elevados para se garantir este lugar geralmente servem aos turistas, deixando os nativos de Salvador, criadores da festa, fora dos cordões. O grupo musical Natiruts expressa lindamente esta perspectiva na música Palmares 1999, diz a letra "E apesar de ter criado o toque do agogô fica de fora dos cordões do carnaval de Salvador".

Entra-se em ambiente desconhecido munido de um GPS e com exatidão traça-se rotas e projetam-se mapas, a localização não deixa mais qualquer dúvida.

No universo das ciências modernas coube preferencialmente à Geografia o papel da localização, os viajantes e os cartógrafos, geógrafos originários, cortaram os oceanos tendo em suas mãos instrumentos que apaziguavam o desconhecido por oferecerem a localização aproximada em meio ao mar nunca antes navegado. Os tratados entre Portugal e Espanha delimitaram suas esferas de atuação há mais de quinhentos anos, possibilitando separar seus domínios pela via da localização.

Delimitar e localizar são intenções eminentemente geográficas, o termo “lugar” nesta perspectiva, é, em suma, a amálgama entre a delimitação de um domínio e a localização universal do mesmo, a Geografia em seu período clássico pouco se afastou deste entendimento. Não é por acaso que Vidal de La Blache clama por uma Geografia como ciência que estuda os lugares.

Durante a investigação, que inspirou o presente texto, ao se eleger como objetos de análise duas cidades do interior do Brasil, Aparecida de Goiânia e Anápolis, observou-se que pouco frutífero seria se as amarras da delimitação e da localização dessem o direcionamento geral das reflexões. Da mesma forma, cada ponto investigado, ou seja, cada centro cultural, cada espaço destinado ao teatro, ou a música, cada loja de venda de materiais usados, cada escola e tantos outros lugares visitados, não se restringiram à ideia de um ponto físico que como tal não permitiria simultaneidade de ocupação como apregoa a mecânica newtoniana.

Desarrollo

Nas cidades os encadeamentos cotidianos não se reduzem a exatidão das formas, os lugares não são pontos fixos à espera de um preenchimento, cada forma construída entranha e fere o lugar inesperadamente. A paisagem urbana, como fruto deste entranhar advindo da agitação dos dias, congrega lugares e deflagra o futuro continuamente, tempo e lugar se desdobram de maneira encadeada.

Ver a cidade além da paisagem, o lugar contemporâneo

A vida nas cidades produz novas materialidades, os tempos coexistem, passado e presente se entrelaçam na paisagem, para Berque (2004) isto se deve por ter a paisagem duas dimensões, ela é marca pois “[...] expressa uma civilização”, e é matriz pois “[...] participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja da cultura” (p. 84). Se como marca a paisagem se apresenta em primeira instância de forma tátil, corpórea e material em processo constante de acomodação e conflito em relação às realidades do mundo, como matriz ela se aproxima da sua raiz, a profundidade existencial.

A paisagem urbana, na medida em que é percebida pelos sentidos em uma dada localização, se dá de modo incompleto, não consegue traduzir o real em todas as suas nuances. Acidade, numa visão paisagística, ou seja, como objetivação da vida urbana, é compreendida também parcialmente a partir das parcas garantias que a materialidade da paisagem fornece. Se a paisagem é geradora de sentido como afirma Berque (2004), é exatamente pela sua capacidade de existir “[...] em primeiro lugar na sua relação com o sujeito coletivo, a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica” (p. 84). A partir da dimensão tangível a paisagem, mesmo de forma incompleta, expressa esta dupla identidade, marca e matriz. Marcas que falam ao corpo, e matriz que se comunica através de símbolos.

Como corporeidade incompleta refletida dos humanos, como expressão preenchida de símbolos, ou ainda como densidade material esimultaneamente em constante evaporação temporal, a paisagem não se esquiva de ser profunda. Neste sentido, Besse (2006) viu além do ponto material, além da marca, ao afirmar que “[...] não há paisagem sem profundidade, uma profundidade que se dá a ver sob a forma de uma presença nos longes, de um ser na distância que significa o espaço da vida” (p. 92). A vida, assim como a paisagem, possui dupla identidade, corpórea e simbólica, a paisagem fornece parte da compreensão da vida. Esmiuçar a profundidade existencial da paisagem é se comprometer com o afastamento do sentido endurecido do “onde” inerente à localização e partir para uma aproximação ao sentido do “quando”, ou seja, do momento em que se configura o lugar.

Lugar nesta perspectiva é movimento de afirmação da autenticidade para além da paisagem, as expressões provenientes da localização de uma certa paisagem, em nada ou quase nada evidencia o que ocorre na intimidade dos lugares, partir da incompletude da paisagem pela sua concretude rumo ao centro do lugar é talvez a obra mais intrigante para um geógrafo que pretende extrair novas interpretações do real.

Ler o real pela via do lugar/movimento é obra para ciências não convencidas da invariabilidade dos pontos. As abordagens positivistas, mecanicistas e cartesianas puras, conseguem com êxito averiguar a concretude da paisagem, contudo para ir além, rumo a sua profundidade existencial torna-se condição indispensável para outros campos do conhecimento. Entre a fisicidade da paisagem capturada pelos sentidos do observador e a carga simbólica intangível aos mais atentos olhos e ouvidos, se esgueira o acontecer do lugar que se espria além dos contornos físicos.

Em tempos de globalidades é no lugar que o drama contemporâneo se impõe, no lugar o tempo se superpõe e se desfaz, em meio a diversos processos de *ações* e *concepções* em curso, o globo terrestre age nos lugares. Ortiz (1999) alerta para o fato de que a massificação da cultura estimula “[...] vetores poderosos de dominação, a ponto de se

articularem em nível planetário”, o que “pressupõe acomodações e conflitos” (p. 63) nos lugares. Acomodações e conflitos que passam pela admissão do social vivido materialmente nas cidades etambém pelas dimensões simbólicas vindas do mundo global, que buscam penetrar e ultrapassar os lugares.

O globo invade o lugar, o lugar resiste

Asnoções de delimitação e de localização na busca por uma racionalidade nas cidadesimperaramno início do século XX sem grandes recaídas, os principais modelos de planejamento das cidades se estruturaram numa lógica urbana que culminou em 1933 com a Carta de Atenas e a consagração da linearidade e da funcionalidade. A separação entre o lazer e a morada, a recusa da inserção de elementos antigos em novas construções, o tempo considerado como cronologia estanque, contribuíram para que a Carta de Atenas potencializasse certa ordem natural. É a vitória da racionalidade sobre a espontaneidade.

O modelo desdobrado das reformas urbanas de Paris no final do século XIX encontrou um terreno fértil para a consolidação de uma lógica industrial, Le Febvre (2001) traz à tona a queda da cidade como obra evidenciada nos períodos pré-industriais e o conseqüente surgimento da exploração capitalista; nas palavras do autor “Quando a exploração substitui a opressão, a capacidade criadora desaparece” (p.14). A indústria capitalista invade rapidamente as cidades não somente impondo a lógica funcional, cada trecho da nova cidade é um ponto de captura do capital, ali já estava em germe o que iria se consolidar em Atenas.

A lógica funcional criou constantes mecanismos de validação e de busca por novas operações em diversos países centrais e periféricos, contudo sem deixar de sofrer severas críticas fundamentadas na originalidade dos lugares. No final da década de 1950 em Nova York o movimento capitaneado pela arquiteta Jane Jacobs se posicionou contra as reformas urbanas funcionais em nome da dinamização das ruas e das calçadas. Ao longo da década de 1960, com intenso descontentamento urbano, por parte dos moradores dos subúrbios, a cidade de Nova Yorkpassa a ser o *lócus* prioritário do tensionamento em relação aos movimentos de parametrização e de sistematização em nome de uma ordem e de uma organização. Harvey (2014) ao fazer uma análise deste período afirma que foi esta tensão que culminaria com uma crise urbana levou as feministas a afirmarem que “[...] o subúrbio e seu estilo de vida constituíam o cerne de seu mais irredutível descontentamento” (p.38). Este descontentamento urbano registrado na base do movimento feminista urbano já havia encontrado eco em Martin Luther King, que afirmara que a tática da não violência teria que se adaptar “às condições e atitudes urbanas”, e que os protestos não violentos de rua

precisavam “amadurecer e atingir um novo nível”, atingindo o nível mais alto que seria o da “desobediência civil em massa” (p.33).

Em Paris, em 1968, os acontecimentos também se desdobravam em velocidade semelhante, gritos contrários às moradias linearmente ordenadas voltadas para as classes médias contribuíram para desencadear revoltas urbanas naquele mesmo ano. Pode-se dizer que tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos e em alguma medida na América Latina avolumou-se acontecimentos de resistência aos modelos estabelecidos. Neste movimento contínuo e duradouro símbolos locais foram se firmando a partir do signo da resistência, passando a gravar na paisagem das cidades um modo autêntico de vida que desdobra nos espaços destinados ao povo que ali habita e cria sua história. Os movimentos libertários das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos jovens deixaram marcas profundas no modo em que os lugares foram se forjando no período pós segunda guerra mundial e assistiram quase que simultaneamente o surgimento de outra ordem global.

Após os loucos anos 1960 e 1970, em meio a dicotomia socialismo e capitalismo disseminou-se a ideia da globalidade das ações e dos fatos, das ruas revoltosas cobertas de jovens e trabalhadores, até a consolidação dos modos massificados de interferência do capital nos lugares tem-se os novos rumos que configuraram o fim de século. A chamada sociedade em rede teria contribuído para aniquilar configurações de novas resistências urbanas, as cidades passariam por largo processo de aviltamento das particularidades, das autenticidades em nome dos elementos globais. Os lugares passam a apresentar certa fantasmagoria como afirma Giddens (1991), por serem “[...] penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles” (p. 27). E em meio a tentativa homogeneizadora, os mesmos lugares responderam de forma a catapultar para o mundo alguns significados genuínos de reconhecimentos locais, ainda que convivendo com os traços globais. É por este motivo que Santos (1996) alerta para a tensão existente entre o lugar e o fluxo global, pois enquanto a “[...] ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade”, os “[...] lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade” (p. 272). Estes “dois arranjos e duas segmentações”, entendidos por Santos como verticalidades globais impositivas e velozes e horizontalidades locais lentas e resistentes, definiram os limites da interferência global na cidade contemporânea.

Esta dinâmica global que inicialmente se restringiu a esfera econômica encontrou alicerce para aprofundar suas interfaces, os arranjos locais e a intenção global remetem em conflito à outras marcas de reconhecimento, Santos (1996) considera que por serem as ações “[...] cada vez mais estranhas aos fins próprios do homem e do lugar” é necessário “[...] operar uma distinção entre a escala de realização das ações e a escala de seu comando” (p. 65).

Nas cidades vive-se uma confluência de escalas de comando. Os gotejamentos globais são sentidos na inserção de novos objetos técnicos a serviço de demandas que extrapolam as necessidades locais. Esses novos objetos técnicos, muitas vezes vindos de outras “escalas de comando”, recebem novas funções quando tocam o solo simbólico dos lugares, funções estas que estabelecem com os moradores outra rede de significados.

É sobre estes novos significados construídos à margem das globalidades que surgem territorialidades resistentes, e será a partir destas outras formas de organização do conhecimento e das ações cotidianas que se renova o modelo de ocupação urbana. Se o modo de vida urbano remete aos conflitos da sociedade atual, será na expressão materializada em cidades que tais conflitos serão percebidos e apresentados como unidades formativas do pensamento sobre a relação entre o global e o local.

Em busca de territorialidades resistentes, ocupando a partir das margens

Quanto mais experimenta-se nas cidades elementos que trazem a marca do mundo global, mais força pode-se extrair dos pequenos movimentos urbanos em busca por autenticidades. A intenção desta investigação, ainda em curso, é elencar os traços mais claros deste fenômeno e refletir sobre as novas roupagens urbanas que vão tomando vulto na medida em que os lugares extrapolam suas delimitações. Cada lugar tem em latência sua possibilidade de transpassar os campos restritos da percepção material rumo ao seu exterior, em um contínuo movimento expulsivo.

Tendo como referência a ideia de rede, tão cara ao mundo contemporâneo, seria como se cada ponto, cada nó da rede, abandonasse aos poucos o seu caráter catalisador de energias dissipadoras e constritoras e passasse a se desmanchar ao longo das linhas que percorrem cada fluxo presente na rede. Nesta perspectiva, se é na profundidade da paisagem que se evidencia o ser, como explicita Besse (2001), estariam também as redes, segundo Latour (1994) “[...] preenchidas pelo ser” sendo as máquinas “[...] carregadas de sujeitos e de coletivos” (p. 65). Os deflagradores de resistência, ao esgarçarem os pontos e transitarem entre os lugares promovendo fluxos que remetem a existência de cada sujeito e de cada objeto, se territorializam. A territorialização surge espontaneamente sendo local na mesma intensidade em que dialoga com as globalidades em rede. Isto se dá porque, mesmo com o entrelaçamento entre as escalas de comando na contemporaneidade persistem conexões entre os próprios lugares, Bruno Latour (1994) chega a afirmar que “[...] uma rede ampla continua a ser local em todos os pontos” (p. 114). Em cada lugar, como arena do conflito entre o global e o local fundam-se outras alternativas.

No processo de territorialização buscam-se formas carreadoras de ocupação urbana não convencional, visto que não há uma obediência aos fluxos hegemônicos. Nesta medida, cada

um dos lugares cria interface com outros lugares em uma espécie de rede não oficial dos acontecimentos, seja de ordem cultural, produtiva, esportiva e de qualquer outra natureza urbana. As práticas sociais inerentes aos lugares pesquisados⁴ tendem a não se massificarem desenvolvendo uma dinâmica marginal. Os sujeitos e os objetos se entrecruzam, são feirantes tradicionais vendendo hortaliças, queijos diretos das fazendas, ovos de galinhas criadas sem hormônio, relojoeiros não se rendendo a troca simples, costureiras que fazem reformas de roupas, barbeiros que se reinventam, lojas de móveis usados, bancas de jornais, amoladores de tesouras, brechós, espaços destinados a dinamização da cultura que são, em conjunto, expressões autênticas que lentamente sem se renderem à urgência contemporânea promovem as chamadas territorialidades resistentes ocupando a cidade a partir das margens.

Há uma energia criadora oriunda destes lugares, cada lugar através de permeabilidades com seu exterior se confunde com suas próprias agitações, cada objeto comercializado, cada serviço oferecido, cada expressão artística ventilada traz consigo um pouco do lugar, não há uma separação clara. Não há uma antítese rígida entre objetos e sujeitos. Não é de se estranhar o fato de que as redes de *fastfood*, que já perceberam os movimentos de resistência, ofereçam um lanche com uma estampa local, sanduíches globais são oferecidos em cada lugar com um tempero que busca garantir familiaridade. Este mesmo aspecto se observa nas alamedas de serviços dos *shoppings centers* - expressões globais por excelência – que reservam espaços para sapateiros, costureiras, amoladores de facas e relojoeiros que executam seus trabalhos em suas próprias temporalidades. A economia global parece já ter compreendido que a intimidade que estes trabalhos conferem garante também um número significativo de consumidores.

Na dimensão privada dos lugares, sejam eles globais como *shoppings centers* e *redes de fastfood* ou densamente autênticos e profundamente locais, já se tem uma lógica de confirmação de significâncias que despertam os interesses econômicos e culturais. Os brechós (lojas de vendas de roupas usadas) e os chamados pregos (lojas de venda de móveis e eletrodomésticos usados), para ficarmos apenas com dois exemplos, buscam na revalorização do antigo e na reutilização sua garantia de geração de renda, uma força resistente em meio à sociedade do descartável. No mesmo sentido, a inserção do tempero familiar no sanduíche de bandeira mundial evidencia o peso que o local vem exercendo sobre a lógica global.

⁴A pesquisa se debruçou na busca por locais que poderiam se enquadrar na ideia de resistência presente na hipótese levantada, a saber: lugares que promoveriam algum tipo de atividade que figuraria como distinta das hegemônicas e consagradas ao grande público. Entre os locais identificados e visitados com realização de entrevistas temos lugares que ofereciam serviços de relojoeiros, sapateiros, costureiras, além de brechós (lojas que vendem roupas usadas), pregos (lojas que vendem móveis usados), pequenos espaços destinados à arte, à música, ao teatro, feiras de alimentos vindos da fazenda, bancas de revistas e outros.

Quanto ao ambiente privado circunscrito ao interior dos estabelecimentos parece já pacificado o desejo pelo saber local, entretanto quanto aos espaços públicos temos ainda que investigar como vem se dando esta ocupação, neste sentido é que se acrescenta a expressão marginal. À margem dos acontecimentos hegemônicos cresce o estímulo à territorialização de resistências.

Na ocupação urbana marginal ocorre um andamento distinto da ocupação oficial, semelhante ao que Haesbaert (2014) afirma em seu “[...] paradigma territorial contra-hegemônico” que seria “[...] um laço muito mais denso, em que os homens não são vistos como sujeitos a sujeitar seu meio, mas como inter-agentes que compõem esse próprio meio”, os territórios surgidos nas franjas da cultura urbana oficial massificada, funcionando como rede de pessoas, produtos e símbolos, entram em contato direto com campos que transitam no entre-coisas, como miríades inventivas detonadoras de novas possibilidades.

Se a cidade é o acontecer do contato entre o global e o local, é nesse mesmo contato que se processam os movimentos de retorno às forças originárias da própria sociedade que a construiu. A ocupação vinda das margens, fruto destas territorialidades resistentes afloradas criam novos embates, a cada identidade quebrada e reconstituída ressurgem a cidade em meio aos conflitos estabelecidos, sobretudo no campo simbólico. Isso ocorre como disputa de forças que para Serpa (1997) se dá porque “[...] a cidade gera um grau de liberdade incompatível com o nível de manipulação que a sociedade industrial e informacional contemporânea precisa para sobreviver” (p. 7). Neste sentido as territorialidades resistentes são potencializadas pela liberdade produzida no viver e no desdobrar da ocupação urbana marginal, afinal esta não somente produz a liberdade criadora e inventiva, ela irá ainda como afirma Souza (1997) instaurar “[...] redes de ação e de resistência contra a falta de liberdade, contra a desigualdade” (p. 7). A desigualdade do acesso e da utilização dos espaços públicos, através da oficialidade do estado ou da maximização econômica, é enfrentada pela via da liberdade criadora dos lugares ao se evaporarem em regiões não recomendadas, é a transgressão do território, é a resistência assumindo o controle mesmo que momentâneo.

CONCLUSÕES

1. A vida urbana não se restringe ao dinamismo de automóveis e centros comerciais gigantescos, em meio a cada bandeira global surge lógicas específicas criadas por grupos e sujeitos que proporcionam outras velocidades. Os lugares aparecem como propulsores de fluxos e não como simples pontos a serem marcados nas representações cartográficas.

2. Para além da delimitação e da localização tem-se a superação da fixidez, o lugar se esparrama pelas ruas, há uma contiguidade horizontal que invade as normas oficiais e geram outras racionalidades. É do lugar que brota a esperança por novas formas de poder e novas maneiras afirmativas da diferença, parte-se da intimidade do lugar para o enfrentamento das características homogeneizadoras globais. O lugar resiste e como tal cria outra fonte de dissipação de energias criadoras, o lugar inventa novos modos de se transitar.
3. Se o lugar promove a diferença é na dinâmica proveniente dos acontecimentos genuínos proliferados nos lugares que outro território aparece. O território advindo das energias do lugar é o próprio fluxo, fruto da ultrapassagem do ponto fixo, para além do imóvel salta-se a resistência territorializada, a investigação em curso afirma esta consolidação de resistências preenchidas de singularidades e de autenticidades.
4. Como elemento resultante deste movimento vem à tona o desdobramento urbano vindo das margens e ocupando a cidade. Ocupar a cidade de maneira marginal é o modo próprio da resistência, a profundidade escondida na paisagem é revelada no cotidiano das práticas renovadas, há tensão em marcha, na esteira dos modos globais de ação surge discretamente as linhas para o novo, talvez não mais como diferença a ser detectada, mas sim como o modo mais seguro de reexistir na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berque, A. (2004). *Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia cultural*. In: Corrêa, R. L. Rosendahl, Z. (Eds.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 84 - 91.
- Besse, J. M. (2006). *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. (Obra original publicada em 1990)
- Haesbaert, R. (2014). *Viver no limite*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Harvey, D. (2014). *Cidades rebeldes*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 2012)
- Latour, B. (1994). *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1991)
- Lefebvre, Henry (2001). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro. (Obra original publicada em 1968)
- Luther King Jr, Martin (1968). *O grito da consciência*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura. (Obra original publicada em 1967)

- Ortiz, R. (1999). *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho D'água.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Serpa, A. S. P. (2007). Culturas Transversais: Um novo referencial teórico-metodológico para a Geografia Humanista e Cultural? In: S. Kozel, J. C. Silva & S. F. Gil Filho, (Eds.). *Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo/ Curitiba: Terceira Margem/ NEER. 36 - 56
- Souza. M. A. A. (1997). Cidade: lugar e geografia da existência. In: *5º Simpósio Nacional de Geografia Urbana*. Conferência de Abertura. Salvador.